

# Ciro\*

Modesto Carone\*\*

"Fiéis servidores da nossa paisagem"

Carlos Drummond de Andrade, *Os bens e o sangue*

Vista da estrada que vem de São Paulo a cidade é uma ladeira que começa logo depois da ponte sobre o rio e alcança num único lance o Cerrado para emendar de novo na rota de bandeirantes que chega ao Sul do país. Chama a atenção que essa área seja inclinada e que os seus habitantes tenham de subir ou descer quando se movem pelas ruas asfaltadas que durante quase três séculos foram de terra batida e mais tarde calçadas por paralelepípedos arrancados às pedreiras de Santa Helena. Antes de transpor a cabeceira da ponte o observador destaca do lado esquerdo o ímpeto de uma rua íngreme que acompanha a vertente secundária do vale e uma vez atravessada a armação de ferro sobre os pilares de cimento ele estaca na outra extremidade diante de um sinal vermelho e espera a passagem dos trens de carga da via férrea que liga as fábricas de Votorantim à estação Paula Souza e desta aos trilhos de escoamento da Estrada de Ferro Sorocabana.

Mas aberto o sinal o caminho está livre para a ascensão: da encosta que se bifurca na altura da praça do canhão a reta pontuada de curvas passa

\* Título de uma novela inédita e incompleta que, juntamente com outra, "Resumo de Ana", da qual deriva, faz parte de um livro em preparo a ser publicado pela Companhia das Letras.

\*\* Professor de Teoria Literária do Instituto de Estudos Literários da Universidade Estadual de Campinas.

ao lado da catedral neoclássica onde o campanário esconde um tambor reluzente, segue pela ladeira até chegar ao mosteiro beneditino, rodeia o adro coberto de asfalto, vira à esquerda e, através de um corredor estreito de casas e bangalôs, árvores antigas, lojas, escolas e bares, vai até o fim à sombra de arranha-céus ou levantando a poeira amarela das vilas industriais.

Foi dentro desses limites que transcorreu a existência de Ciro Lázaro Baldochi.

O nascimento de Ciro em 1925 foi saudado como um triunfo pelos pais: além de sadio ele era o primeiro varão da família. Balila e Ana Baldochi, ele com 39 e ela com 37 anos, já estavam casados fazia treze. Ana tinha dado à luz cinco filhos e a única sobrevivente da prole dizimada por doenças era Lazinha, nascida em 1919. Como o da irmã o parto foi realizado no quarto do casal num casarão da Rua dos Morros por Assunta Tienghi, parteira italiana que atendia às pessoas de posses da cidade e da região. Naquele ano os negócios do comerciante estavam em alta e justificavam a contratação de uma profissional de prestígio tanto quanto as comemorações pelo aparecimento de um herdeiro. O enxoval da criança tinha sido preparado pessoalmente pela mãe com a minúcia de uma ex-governanta treinada em Higienópolis. As tensões conjugais diminuíam em nome de uma gravidez tranquila e o zelo da esposa voltava-se com naturalidade para a escolha dos tecidos e a confecção doméstica de camisas, fraldas, toucas coloridas, sapatos de lã e mantas de corte estudado que agora cobriam o corpo do filho. O marido orgulhoso refazia os cálculos e mostrava uma face pródiga com parentes e conhecidos aboletados durante dois dias em torno da mesa disposta ao ar livre onde brilhavam as garrafas de vinho, os licores, as compotas e outros produtos estrangeiros trazidos do armazém de secos e molhados que ocupava a frente da casa como uma fortaleza. À tardinha o prédio fervilhava: a ladeira da Rua dos Morros já servida pelos bondes do centro e bairros altos era habitada por imigrantes espanhóis e italianos e seus descendentes cujas casas se comunicavam por quintais sem cerca ou muro.

Enquanto guardou o leito Ana foi tratada por *Frasquita*, filha casada de d. Clara Moreno, espanhola brutalhada e solidária que em tempos recentes havia se afeiçoado a Lazinha, companheira de Dolores, a caçula do gru-

po. Embora reprovasse a falta de compostura das *barcelonas* que comiam cebola crua na calçada e se atracavam em público por intrigas amorosas, Ana se submeteu aos cuidados da moça com satisfação. O desconforto dos últimos meses e o trabalho de parto a tinham debilitado tanto que ela não podia recusar uma assistência voluntária – além do que a presença de Frasquita era ágil e a compensação pela áspera linguagem de palha que ela despejava da cozinha aos corredores chegava ao quarto através das sopas avivadas por coloral e pimentões vermelhos colhidos em horta caseira.

A participação do nascimento às relações sociais importantes tinha sido confiada pela convalescente à filha mais velha que ia completar 6 anos. O encargo era um embaraço para Lazinha porque ela não entendia o sentido da fórmula decorada com a qual a mãe a obrigava a se apresentar a cada visita: Tem um criadinho às ordens. Apesar da relutância foi com essas palavras que anunciou o acontecimento na casa de Luizinha Maia, perto da Vila Leão, depois de ter saltado no topo da Rua da Penha do bonde aberto que unia o Além-Ponte ao Cerrado. Aos olhos da mãe a formalidade na residência senhorial era indispensável porque Luizinha Maia, prima de Julieta de Albuquerque, tinha sido madrinha de crisma da menina. O filho de Julieta, Ciro, futuro fiscal dos selos em Jacareí, também era padrinho de batismo de Lazinha e o nome escolhido para o recém-nascido – *Lázaro* apenas cumpria mais uma promessa de Ana ao santo protetor das crianças – representava uma homenagem com endereço certo: menos de um ano mais tarde o irmão de Lazinha seria batizado por Ciro de Vasconcelos a mando de Julieta e da avó-matriarca Júlia na antiga igreja do Bom Jesus situada na Casa Amarela, hoje parte da região de Barcelona, onde em 1851 o empresário Manuel Lopes de Oliveira fez a primeira tentativa de instalar uma fábrica de tecidos na Província de São Paulo com máquinas importadas da Inglaterra.

Ciro tinha três meses quando os pais decidiram levá-lo num passeio de automóvel ao sítio de um freguês na estrada de Itu. Como a época era de largueza Balila havia comprado um Ford e nas excursões de fim de semana quem dirigia era o meio-irmão Natale, filho do imigrante marselhês Fulvio Baldochi que se casara em segundas núpcias em Sorocaba com a viúva piemontesa Claudina Giotto. A escolha era acertada porque a destreza no

volante e o conhecimento técnico dos motores a explosão tinham levado Natale de padeiro e sucessor do pai numa confeitoria a mecânico-chefe das oficinas Mencacci na Avenida São Paulo.

Até hoje o leito da estrada de Itu é acidentado a despeito das variantes modernas e da camada de betume superposta à trilha de índios e boiadeiros: um carro como aquele só podia subir as lombadas de marcha a ré ou forçando os passageiros a descerem do automóvel. Numa dessas emergências Ana, acompanhada de Lazinha e carregando Ciro ao colo, teve de aguardar algumas horas à beira do caminho. O mormaço estava forte e deve ter sido então que uma varejeira picou várias vezes a nuca descoberta da criança. O ferimento foi sério e a mãe só se deu conta dele alguns dias depois que o menino começou a chorar de exaspero: a bicheira havia se alastrado por toda a base do crânio. Sem querer consultar um médico Ana cuidou de Ciro à sua maneira enfiando uma pena de galinha embebida em arsênico nos pontos onde a pele estava perfurada. Ao contato do veneno diluído as larvas deixadas pelo inseto na carne subiam à tona como os vermes de uma fruta estragada.

Baldochi se preocupava com a saúde do filho mas aprovava a medicina improvisada da mãe. Várias vezes por dia ele ia ao quarto sombreado dos fundos para ver se a criança estava respirando e a apreensão diminuía à medida que o choro era intercalado pelas horas de sono. A agressão do arsênico surtiu efeito no primeiro mês e a cavidade roxa entre as dobras do pescoço foi medicada com cremes que Balila preparou seguindo as instruções de um ensebado manual francês sobre moléstias da pele e sua cura. À noite, fechadas com trancas de madeira as portas duplas do armazém e do depósito, o interesse do pai aumentava, pois tornado impraticável por novas desavenças com a mulher o serão de família tinha sido substituído pela tarefa tranqüilizadora de embalar um bebê. O pai amarrava um cinturão de couro na parte móvel do berço e o puxava de lá para cá afinando no ritmo do balanço a voz rouca de cigarro. Cantava as cantigas que conhecia da infância passada em Marselha e as misturava com histórias inventadas sobre o personagem de cinema que ele associava ao rosto redondo do menino: Nana, seu Chico Bóia.

Alimentadas pelos ciúmes do marido e pelo descaso vingativo da esposa as relações crispadas entre Ana e Balila não impediram uma nova gravidez: em 1926 ela dava à luz Zilda, a última filha do casal. A irmã mais velha assumiu a proteção maternal da mais nova e o gesto infantil acabou selando a posição de Ciro no quadro familiar. Negligenciado por Ana a quem se sentia ligado e preferido por Lazinha que se apegara a Zilda, ele ficou a sós com o pai, que de fato o preferia mas que por força das circunstâncias descarregava a energia nos negócios além de se encarniçar nos conflitos com a mulher.

A estabilidade material impedia a desagregação do casal sem eliminá-la. Isso esclarece que seduzida pelo alívio do xerez oferecido na casa dos vizinhos espanhóis Ana tenha começado a beber durante a gravidez de Zilda e passado a consumir às escondidas os vinhos importados do armazém. Decidido a ampliar as dependências do depósito em face do aumento das vendas era inevitável que Baldochí descobrisse as garrafas vazias com os selos e as rolhas recompostos. Embora se embriagasse longe das vistas do marido, Ana não cedia a nenhum apelo ou ameaça e uma vez vedado o acesso às prateleiras recorreu à cumplicidade da filha mais velha para conseguir a aguardente barata dos bares da vizinhança.

Às voltas com o vaivém do comércio Balila se desviava dos transtornos em casa reatando os laços políticos com os seguidores de Fernando e Júlio Prestes que desde a revolta de 24 se reuniam num palacete da Rua Brigadeiro Tobias a poucos metros do Teatro São Rafael. Chegava de carro à sede dos encontros vestido de terno e informado pelos jornais conservadores de São Paulo que lia no balcão de mármore do estabelecimento ou sentado numa poltrona da sala com a cinta desapertada. Seus primeiros contatos tinham sido mediados pela mulher mas agora ela ficava no casarão da Rua dos Morros fazendo companhia aos três filhos ou entretendo as amigas da Rua Treze de Maio que às vezes a visitavam. Os atritos surgiam quando Ana saía com Lazinha para assistir às peças de Juan Santiesteban no Teatro Alhambra a três quarteirões de distância. Se não a encontrava na volta das reuniões políticas o marido a acusava de abandonar os filhos menores mesmo sabendo que as crianças ficavam sob os cuidados de alguma vizinha. O

motivo da cólera evidentemente era outro: com 40 anos, Ana não havia renunciado à elegância de São Paulo e ia ao teatro maquiada e vestida com roupa de gala. A exigência de se apresentar paramentada em público se satisfazia com algum olhar de inveja das senhoras do bairro; para Baldochi essa pretensão sempre equivaleu a independência e falta de recato. As cenas de agressão eram invariavelmente acompanhadas pelos filhos – Lazinha agarraada ao corpo da mãe para livrá-la das cintadas que zuniam, Zilda encolhida num canto escuro da sala e Ciro enxugando os olhos nas mangas de um macacão de flanela.

O choro tornou-se uma segunda natureza para Ciro. As lágrimas vinham fáceis e o gesto de esfregar a ponta do nariz na roupa erguendo um dos braços de encontro à cabeça inclinada de lado era tão previsível quanto o hábito de seguir a mãe como uma sombra. Ana mantinha distância em relação a ele mais por desinteresse do que por cálculo e só se aproximou mais no momento em que se viu forçada a substituir Lazinha para assegurar a bebida que vinha de fora. Da mesma maneira que a irmã, agora rebelde, aos 4 anos ele cruzava de manhã o portão de entrada levando uma garrafa vazia debaixo do casaco para não chamar a atenção do pai que estava no armazém; parava na beira da calçada e só atravessava a Rua dos Morros se o bonde não vinha vindo; já do outro lado subia a rua íngreme encostado aos muros e depois entrava num botequim da esquina. Enquanto olhava o líquido cair no fundo do vidro por um pequeno funil de zinco enfiado no gargalo Ciro se erguia na ponta dos pés e depositava o dinheiro contado sobre a pedra do balcão.

O declínio da mãe foi acompanhado de perto por Ciro. Nos instantes em que estava lúcida Ana ficava abatida e atraía Lazinha para relembrar o passado e fazer confidências mas quem a seguia nas incursões pelas ruas era ele. A sombrinha de cores aberta e o casaco pendurado no braço, ela saía de casa no meio da tarde e caminhava aérea pelas calçadas; a voz alterada pelo álcool, conversava com o menino que andava atrás de cabeça baixa ou falava consigo mesma fazendo gestos; ao cair da noite o cansaço e o torpor a dominavam e se não via um banco de jardim à disposição ela descansava sentada no meio-fio. Ciro não a deixava sozinha, atirando pedras nos moleques que assobiavam e esperando que ela se recompusesse e voltasse para

casa. O pretexto de Ana para os passeios era a necessidade de espairecer mas comumente eles se prolongavam de bonde até o Alto do Cerrado. Ela descia num ponto perto da Caixa d'Água e entrava numa travessa da Rua General Carneiro onde havia um bar servido por uma conhecida sua; em pé diante do balcão bebia copos de quinado enquanto conversava e só pedia a conta se o filho não continha mais o choro; na viagem de volta dormia um sono pesado sobre o acento de tábuas do bonde e despertava sacudida pelos ombros no ponto final Quinzinho de Barros.

A rotina da casa se desfazia à medida que aumentava o alheamento da mãe. Entregue a si mesmo como o pai e as irmãs Ciro se submeteu aos 5 anos à falta de horário, às refeições precárias, à roupa encardida e ao quarto desarrumado onde a poeira grossa cobria os móveis. Mal agasalhado no inverno ele teve um torcicolo que semanas a fio o fez gritar de dor na hora de dormir; deitada no quarto vizinho Ana repetia cochilando que ele precisava segurar a cabeça com as duas mãos para se acomodar no travesseiro. O pai resolveu tratá-lo por conta própria com cera quente de terebintina e na pele alva dos ombros apareceram bolhas que se transformaram em chagas. Quando as dores cederam Ciro não podia mover a cabeça sem virar também o corpo: do fim da infância à metade da adolescência seu apelido em casa e na rua foi *pescoço duro*. Na mesma ocasião uma epidemia de catapora se espalhou entre as crianças do bairro e as irmãs não tiveram seqüelas porque estavam protegidas por urucum em volta dos olhos. Solto pelo quintal, nadando nas tinas de lavar roupa, em Ciro ela arrebentou na córnea e para evitar o sol que queimava a vista ele desencavou do baú de roupas velhas um boné de algodão azul que tapava a testa. Mas o olho esquerdo ficou lesado e a visão prejudicada acentuou sua necessidade de fazer meia volta para enxergar de lado.

Quando em maio de 1933 Ana morreu Ciro tinha completado 8 anos. A agonia foi prolongada e sem assistência e os três filhos presenciaram impotentes a deterioração da mãe consumida pelo álcool e pela tuberculose. Dois anos antes a crise econômica no país havia atingido em cheio os negócios de Balila e as promissórias protestadas por um agiota da cidade determinaram sua falência e a penhora dos bens que o fizeram aceitar um emprego de caixeiro-viajante para sustentar a família.

As viagens do pai iam de jardineira de Sorocaba a Piedade e continuavam a pé pelos lugarejos miseráveis da Serra de Paranapiacaba. Duravam três semanas e nesse espaço de tempo Ana precisava cuidar de si mesma e dos filhos com uma mesada escassa. Na manhã em que ela começou a morrer Baldochí se preparava para enfrentar outra vez o sertão assistido por *Caboclo*, um índio fugido do manicômio que carregava as malas e abria picadas; detido na porta da casa pela filha mais velha ele assistiu ao desenlace e à tarde cuidou dos preparativos para o enterro no dia seguinte. O caixão de segunda foi colocado na sala de visitas de paredes vazias e à noite apenas Ciro, o pai e Caboclo velaram o corpo de Ana, pois Balila mandou as duas filhas irem dormir na casa de Claudina Giotto. Durante a madrugada Lazinha acordou num sobressalto e saiu correndo pelas ruas desertas do bairro para ficar com a mãe. Ao entrar na sala do velório ela viu Balila e Caboclo dormindo nas cadeiras de palha e Ciro passando as mãos no rosto de cera do cadáver.

Lazinha alia o tato à experiência ao falar das pessoas que conhece – o que talvez se explique por ter sido mãe de sete filhos. Mas é manifesto que ela não gosta de conversar sobre o irmão falecido de quem se distanciou depois de casada no início da juventude. O desagrado não se traduz em palavras ou gestos nítidos mas em atitudes esquivas como passar lentamente as mãos nos joelhos e fitar o piano do marido morto há quinze anos na tentativa de ganhar tempo e examinar as questões por outro ângulo. Quem sabe relute contra a idéia de alguém tão próximo transformar Ciro em personagem de documento ou fantasia que no entanto têm lugar certo no seu cotidiano limitado pelas doenças da idade. O mais provável é que as convicções e o temperamento de uma mulher acostumada a lutar não encontrem estímulo nos infortúnios de um homem socialmente batido. É como se num rasgo de ríspida lucidez ela percebesse em todo malogro as explicações razoáveis que não justificam nada senão a existência de caminhos mal escolhidos. Por isso o tom de voz com que se expressa tem o relevo do relato recuado onde não falta um toque inadvertido de compaixão.